

A ÉPOCA CLÁSSICA JAPONESA E SUAS MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS

Luiza Nana Yoshida

RESUMO: O presente artigo busca revisitar a época clássica japonesa por meio de suas principais manifestações literárias. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma evocação e de uma reflexão literárias que vêm reconfirmar a universalidade dos clássicos japoneses, cujos temas mantêm-se atuais até os dias de hoje.

ABSTRACT: This article intends to revisit the Japanese Classical Period through its most important literaries manifestations. It has at the same time, a literary reminiscence and a consideration that reaffirm the universality of Japanese classical works whose themes continue current until the present day.

PALAVRAS-CHAVE: Obras clássicas japonesas, literatura clássica japonesa, história literária japonesa, autores clássicos japoneses.

KEYWORDS: Classical Japanese works, Classical Japanese literature, Japanese literature history, Classical Japanese authors.

1. O Início

No início solidifica-se a base do caótico universo, mas não existe, ainda, qualquer indício de vida ou forma. Não há nome nem movimento. Quem poderá conhecer a sua forma? Quando, no entanto, o Céu e a Terra separam-se pela primeira vez, surgem os três deuses criadores, fazem-se as luzes e as trevas, e os dois espíritos tornam-se casal de deuses geradores de todas as coisas.

O início do mundo está assim registrado na obra *Kojiki*, de 712, considerada a primeira obra escrita no Japão. A origem do povo japonês continua, no entanto, envolto em mistério, ainda que várias teorias tenham sido estabelecidas. Sabe-se que os primeiros registros sobre os japoneses são encontrados em documentos históricos da China, datados do início da era cristã (séculos I-III).

Não se conhece também a época exata em que os japoneses travaram o primeiro contato com a escrita chinesa, mas os objetos mais antigos encontrados no Japão, com inscrições em *kanbun* (estilo chinês), uma espada e um espelho de bronze, datam, respectivamente, dos séculos V e VI. Do século VII, restam várias relíquias, principalmente religiosas ou ritualísticas, contendo inscrições em ideograma chinês (*kanji*). São objetos que atestam o fato de que o Japão alcançara, nessa época, um estágio que lhe permitia fazer os primeiros registros escritos, ainda que bastante elementar e com a utilização de uma língua e escrita estrangeiras, a chinesa, visto não possuírem uma grafia própria.

O presente trabalho busca revisitar a época clássica japonesa, através de uma abordagem diacrônica de suas principais manifestações literárias, conforme a seguinte divisão histórico-literária, cujas particularidades sociais serão lembradas, na medida em que venham a explicar determinada produção literária da época:

1. *Antigüidade* – Era Nara (710-794) – também denominada Alta Antigüidade
Era Heian (794-1192) – chamada de Média Antigüidade
2. *Idade Média* – Era Kamakura (1192-1333)
Era Muromachi (1333-1573)
3. *Período Pré-Moderno* – Era Azuchi-Momoyama (1573-1603)
Era Edo (1603-1867)

2. Era Nara

Foi no século VIII que se completou, no Japão, o processo de unificação política, realizou-se a consolidação da hegemonia da família imperial japonesa, e houve a construção da primeira capital permanente, Heijôkyô, na atual região de Nara, em 710. Foi também no século VIII, que surgiram as primeiras obras de vulto, a saber, *Kojiki* (*Registro de Fatos Antigos*) e *Nihonshoki* (*Crônicas do Japão*), compiladas sob a ordem imperial, respectivamente nos anos de 712 e 720, assim como *Kaifûsô* (*Reminiscências de Poemas Chineses*), antologia de poemas chineses e *Man'yôshû* (*Antologia das Dez Mil Folhas*), antologia de poemas japoneses *waka*, ambas compiladas em meados do século VIII.

A obra *Kojiki*, o mais antigo dos clássicos, foi compilado por Ô no Yasumaro e busca legitimar o poder imperial japonês, narrando a história japonesa, desde as suas origens até à época da imperatriz Suiko (fim do século VI). A primeira parte relata o surgimento do mundo e o estabelecimento, no país, dos antepassados imperiais; a segunda parte encontra-se centralizada nas lendas que contam a formação do país; a terceira e última parte inclui narrativas histórico-lendárias, referentes aos imperadores dos séculos

IV, V e VI. *Kojiki*, através de relatos mitológicos, estabelece, desse modo, a criação do Japão, o nascimento dos deuses e das divindades, com destaque à deusa do Sol, Amaterasu Ômikami, da qual descenderiam os imperadores japoneses, reafirmando a divindade da família imperial.

Nihonshoki (ou *Nihongi*), cuja compilação foi encabeçada pelo príncipe Toneri, inclui menos lendas e relatos mitológicos que *Kojiki*, e busca dar destaque aos fatos históricos que se encontram ordenados cronologicamente. *Nihonshoki* constitui a primeira de uma série de crônicas históricas, no total de seis, compiladas durante a época Nara e início da época Heian, sob a ordem imperial, denominadas *Rikkokushi* (*Seis Crônicas Históricas Nacionais*): *Shokunihongi* (*Seqüência das Crônicas do Japão*; 794 – Parte I, 797 – Parte II), *Nihonkôki* (*Crônicas Posteriores do Japão*, 840), *Shokunihonkôki* (*Seqüência das Crônicas Posteriores do Japão*, 869), *Montoku Jitsuroku* (*Registros Verídicos da Era Montoku*, 879) e *Sandai Jitsuroku* (*Registros Verídicos de Três Reinados*, 901).

Tanto *Kojiki* quanto *Nihonshoki* são escritos em estilo chinês, adotado para a redação de documentos oficiais japoneses, durante muito tempo.

Compilada por Ôtomo no Yakamochi, a antologia poética *Man'yôshû*, de vinte tomos, possui aproximadamente 4.500 poemas japoneses *waka* (a forma poética mais freqüente é o *tanka*, ou “poema curto” composto de 31 sílabas) que apresentam uma métrica já baseada em versos de cinco e sete sílabas, diferentemente das composições poéticas denominadas *kayô* (poemas-canções), com métricas indefinidas e provavelmente entoadas como canções, inseridas entre as narrativas das obras como *Kojiki* ou *Nihonshoki*. *Man'yôshû*, compilada por volta de 760, reúne poemas de autores de diversas camadas sociais – imperadores, altos funcionários, soldados, monges, dama da Corte, entre outros – que somam cerca de 260, além dos autores desconhecidos que correspondem a quase metade das composições.

Man'yôshû pode ser considerada, ainda, a primeira obra japonesa escrita em estilo japonês (*wabun*), com a utilização de uma grafia estrangeira. Possuindo uma estrutura lingüística diversa da língua chinesa, os japoneses não tinham como grafar suas peculiaridades lingüísticas com a utilização original do ideograma que, por si só, contém o elemento semântico. Assim, foi criado um silabário de ideogramas-fonogramas, denominados *man'yôgana* (fonogramas *man'yô*), devido à sua larga utilização em *Man'yôshû*, que possibilitou a transcrição de elementos gramaticais inexistentes na língua chinesa, tais como as partículas relacionais, desinências verbais, conjunções etc.

O interesse pela composição poética chinesa é incrementada na época do imperador Tenchi (661-671), quando, pelo incentivo do próprio imperador, torna-se moda entre os membros da nobreza. Dessa forma, em 751, os poemas de 64 autores são reunidos cronologicamente na obra *Kaifûsô*.

Cabe ser lembrada ainda, *Fûdoki* (*Registro das Particularidades Regionais*), uma série de crônicas regionais que foram compiladas sob a ordem imperial. Cada uma das províncias deveria organizar um trabalho de levantamento da topografia, clima, recursos naturais etc., de sua respectiva região. Chegaram até os nossos dias, apenas as crônicas de cinco províncias: Harima, Hitachi, Hizen, Bungo e Izumo, lembrando que apenas

Izumono Kuni Fûdoki (*Crônica das Particularidades da Província de Izumo*, de 723) encontra-se completa.

Completam as produções da época, *Kakyôhyôshiki* (*Regras do Poema Japonês*), considerado o mais antigo tratado poético, foi compilado, em 771, por Fujiwara Hamanari; *Takahashino Ujibumi* (*Crônica do Clã Takahashi*), crônica histórica do clã Takahashi, compilado pelo clã, em 789, para ser entregue ao imperador, por ocasião da disputa com outro clã, para o preenchimento de uma função na corte; as palavras sagradas dos rituais xintoístas (*norito*), assim como os vários editos imperiais (*senmyô*).

3. Era Heian

A Era Heian, assim denominada, pois a capital japonesa foi transferida para Heiankyô, na atual região de Quioto, a sudeste do Japão, caracteriza-se pelo poderio dos nobres, particularmente do clã Fujiwara, e no campo cultural, pela intensa produção de uma cultura aristocrática com matizes peculiarmente nacionais, diante da cultura de até então, visivelmente marcada pela influência da China.

Cabe lembrar que a cultura japonesa desenvolveu-se, inicialmente, alicerçada na adiantada cultura continental (chinesa e coreana) que procurava importar e assimilar, principalmente através do envio de emissários para a China, junto com os quais seguiam bolsistas leigos e religiosos que, após longa estadia, retornavam para o Japão, trazendo, na bagagem, a cultura desenvolvida do continente.

Em 894, porém, foi decretada a interrupção de envio de emissários para a China, que implicava um alto custo e, principalmente, porque o grande império Tang já se encontrava em processo de decadência.

Esse distanciamento com a cultura chinesa vai, na realidade, coincidir com a época em que o Japão assimilara suficientemente a cultura continental, apresentando as condições necessárias para desenvolver uma cultura própria, integrada à sua realidade e sensibilidade. Inicia-se, assim, na primeira metade da Era Heian, o período de florescimento de uma cultura marcadamente nacional (*kokufû bunka*).

No aspecto literário, pode-se dizer que, na Era Heian, essa “niponização” surge em forma de uma grande “revolução” visto que, por volta do século IX, houve o desenvolvimento dos fonogramas *kana* através da simplificação do *man'yôgana*, resultando em dois tipos de silabários japoneses: *hiragana*, que se origina da escrita cursiva do ideograma e *katakana*, que resulta de uma das partes componentes do ideograma. A criação desses fonogramas vem possibilitar a livre expressão da língua japonesa, através da escrita. É o início da produção de obras japonesas escritas com grafia própria e não mais com a utilização de uma escrita estrangeira. Cabe lembrar, no entanto, que o ideograma chinês acabou sendo incorporado à escrita japonesa e, atualmente, o japonês utiliza-se dos três tipos de grafia – ideograma (para grafar palavras que possuem conceito), *hiragana* (para grafar elementos gramaticais próprios do japonês) e *katakana* (para grafar palavras de origem estrangeira) – na expressão escrita.

Pode-se dizer que, na Era Nara, destacam-se as crônicas e as antologias poéticas chinesa e japonesa. Nos séculos X e XI da Era Heian, paralelamente à vasta produção

da poesia japonesa *waka*, destacam-se a prosa de ficção, a literatura de diário e os escritos ensaísticos.

Conforme referido anteriormente, a grande característica das obras da Era Heian é a de serem escritas com a utilização do *hiragana* (integral ou parcialmente). O *hiragana* começou a ser utilizado inicialmente pelas damas da Corte, aproximadamente em meados do século IX e, a princípio, foi, de certa forma, depreciado pelos homens, chegando a ser denominado *onna moji* (letra-mulher). Naturalmente, mesmo após a sua difusão, os documentos oficiais continuaram a ser escritos em *kanbun*, associado que era à erudição.

Com o desenvolvimento do *hiragana*, o poema *waka* cuja produção estagnara temporariamente, no início da Era Heian, volta a intensificar-se. Surgem grandes nomes, entre os quais, merecem destaque, os poetas Ariwara no Narihira (825-880), Sôjô Henjô (816-890), Fun'ya no Yasuhide (datas de nascimento e morte desconhecidas), Ôtomo no Kuronushi (datas desconhecidas), Kisen Hôshi (datas desconhecidas) e a poetisa Ono no Komachi (datas desconhecidas) pertencentes ao seletivo grupo de poetas denominado *rokkasen* ("seis mestres da poesia").

O poema *waka* passa a fazer parte do cotidiano da nobreza, na medida em que, através dele, homens e mulheres correspondiam-se e trocavam juras de amor. As competições poéticas realizadas na Corte também transformam o poema *waka* num instrumento imprescindível ao cotidiano da aristocracia Heian.

Nesse contexto, em 905, surge a primeira antologia poética japonesa, *Kokin Wakashû* (*Antologia de Poemas Waka do Presente e do Passado*), compilada sob a ordem do imperador Daigo. Composta por 20 tomos, sua compilação ficou a cargo dos poetas Ki no Tsurayuki (?-945), Ôshikôchi no Mitsune (datas desconhecidas), Mibu no Tadamine (datas desconhecidas) e Ki no Tomonori (?-905). Aproximadamente 1.100 poemas encontram-se distribuídos, inicialmente em tópicos sazonais (poemas da primavera, do verão, do outono e do inverno), seguidos por poemas de amor, de separação etc., cuja estruturação torna-se modelo das antologias posteriores. *Kokin Wakashû* (ou *Kokinshû*) e mais vinte antologias que formam a série de vinte e uma antologias compiladas sob a ordem imperial, no período de 905 a 1439, são denominadas *Nijûichidaishû* (*Vinte e Uma Antologias Oficiais*). Dessa forma, a obra *Kokinshû*, cujos poemas já são grafados com a utilização do *hiragana*, pode ser entendida como o reconhecimento oficial do silabário japonês, pelo menos a nível literário.

Na prosa da Era Heian destacam-se, conforme exposto anteriormente, três categorias: o diário, a ficção e o ensaio.

Era usual que os nobres escrevessem seus diários em *kanbun*, registrando os eventos sociais, os incidentes, os fenômenos meteorológicos, as cerimônias da Corte ou religiosas etc., não havendo, por parte do autor, a preocupação em registrar fatos de foro íntimo. O primeiro diário escrito em *kana* é *Tosa Nikki* (*Diário de Tosa*), de autoria do poeta Ki no Tsurayuki, em 935. O poeta, que fora nomeado governador provincial de Tosa (atual região de Kôchi, ao sul do arquipélago japonês), registra, em forma de diário, o seu retorno à capital Heiankyô, depois de terminado o seu mandato.

Eu, como mulher, tenciono escrever um diário, assim como o fazem os homens.

Nesse trecho inicial de *Tosa Nikki*, Tsurayuki transfere para uma mulher o papel de registrar o diário, justificando, de certa maneira, o fato de um diário, que tradicionalmente era escrito em *kanbun*, estar sendo escrito em *kana*. Através dessa “mulher” Tsurayuki vai descrevendo suas impressões e apreensões da dura e longa viagem de volta para a capital.

Tosa Nikki, estruturado como um diário tradicional, segue a ordem cronológica das datas e reflete o estado de ânimo da narradora que, por vezes, deixa-se abater pelo cansaço ou a monotonia de se ver impedida de seguir viagem, devido às condições desfavoráveis do tempo, como pode se ver no seguinte trecho:

Dia 5

Continuamos aportados no mesmo lugar, por causa do vento e das ondas. As pessoas visitam-nos uma atrás das outras.

Dia 6

Igual ao dia de ontem. (grifo nosso)

Dessa forma, *Tosa Nikki*, caracterizado pelo seu ineditismo – o registro de um diário pessoal, escrito, em *kana*, por uma “mulher” e permeado por poemas e pela manifestação de sentimentos pessoais – torna-se o pioneiro de um novo gênero literário, “diário literário” ou literalmente “literatura de diário” (*nikki bungaku*), onde os diários, principalmente através das mãos femininas, deixam de ser simples registros do cotidiano, mas reflexões sobre determinados momentos da vida ou mesmo lembranças de épocas passadas, com a inserção de muitos poemas.

Cabe colocar que a utilização do *kana* na literatura difundiu-se largamente entre as mulheres letradas da época, geralmente damas da Corte, responsáveis por uma intensa atividade literária, principalmente nos séculos X e XI, produzindo obras de grande valor literário, incluídas no chamado *joryû bungaku* (Literatura Feminina, ou literalmente “literatura à moda feminina”).

A primeira obra escrita efetivamente por uma mulher é *Kagerô Nikki* (*Diário da Efemeridade*), cuja autora é conhecida apenas como *Michitsunano haha*, “a mãe de Michitsuna”. A obra, escrita após 974, torna-se registro das angústias, incertezas e ciúmes da autora que, embora casada com um homem de grande prestígio e poder, sente-se infeliz e insatisfeita, diante do sistema poligâmico predominante na época, e alcança relativa tranquilidade, somente quando passa a viver em função de seus filhos.

Merecem ainda destaque, dentro desse gênero, as seguintes obras: *Izumi Shikibu Nikki* (*Diário de Izumi Shikibu*), escrito por volta de 1007. *Murasaki Shikibu Nikki* (*Diário de Murasaki Shikibu*), escrito por volta de 1010, pela dama da Corte do mesmo nome e *Sarashina Nikki* (*Diário de Sarashina*), de autoria de *Takasue no musume*, “filha de Takasue” escrito depois de 1059.

Do início do século XI é datada a obra *Makurano Sôshi* (*O Livro de Cabeceira*), que inclui cerca de 300 ensaios da autoria de Sei Shônagon (? 965-? 1025), dama da Corte da imperatriz Teishi, que vai registrando, ao sabor da pena, as suas perspicazes impressões e observações referentes à natureza, à vida da corte, sobre o mundo que a rodeia.

Ao lado da literatura de diário e do ensaio, há, na Era Heian, a vasta produção de narrativas que podem ser divididas, conforme suas peculiaridades em: *monogatari* (narrativas clássicas), *rekishi monogatari* (narrativas históricas) e *setsuwa monogatari* (narrativas *setsuwa*).

As narrativas denominadas *monogatari* subdividem-se em: *denki monogatari* (narrativas ficcionais) e *uta monogatari* (narrativas inspiradas em poemas). As primeiras narrativas ficcionais apresentavam uma tendência fantástica ou imaginária, sendo substituída posteriormente por uma postura realista. A obra *Taketori Monogatari* (*Narrativa do Cortador de Bambu*), concluída, provavelmente, no fim do século IX ou início do século X e de autoria desconhecida, é considerada a primeira narrativa escrita em *kana*. Seu enredo é amplamente conhecido, atualmente, através da narrativa da princesa Kaguya, que nascida do interior de um bambu, passa parte de sua vida como filha do velho cortador de bambu e de sua mulher e retorna, posteriormente, à Lua de onde viera. Elementos imaginários misturam-se ao cotidiano da vida da aristocracia da época, num estilo leve que apresenta traços tanto dramáticos quanto cômico-satíricos.

Outras narrativas ficcionais como *Utsubo Monogatari* (*Narrativas da Toca da Árvore*), *Ochikubo Monogatari* (*Narrativas do Aposento Ochikubo*) ou *Hamamatsu Chûnagon Monogatari* (*Narrativas do Médio Conselheiro Hamamatsu*) merecem destaque, mas pode-se dizer que a narrativa ficcional atinge a sua perfeição com a obra *Genji Monogatari* (*Narrativas de Genji*).

Genji Monogatari, concluída por volta de 1008, possui 54 tomos, divididos em três partes e foi escrita por Murasaki Shikibu (datas desconhecidas), dama da Corte da imperatriz Shôshi. As duas partes iniciais encontram-se centradas na figura de Genji e a terceira, em seu filho Kaoru, abrangendo um período de cerca de 75 anos. Por trás das aventuras amorosas de Genji, a autora não deixa de abordar as questões existenciais, religiosas ou filosóficas enfrentadas pelo mundo da aristocracia em que ela vivia. Além da descrição minuciosa de cada uma das cenas, a autora imprime personalidade própria às centenas de personagens que compõem o elenco, preocupando-se, inclusive em detalhar sua psicologia, aparência, trajes etc. Trata-se de uma obra única e insuperável no seu gênero.

As narrativas inspiradas em poemas são narrativas breves que relatam os motivos ou as condições em que ocorreu a composição de um determinado poema. A primeira e a mais famosa delas, *Ise Monogatari* (*Narrativas de Ise*), compilada nos fins do século IX ou início do século X, é composta por 125 episódios independentes, estruturados de uma forma que relatam a existência de um “certo homem” (com características que fazem lembrar o poeta Ariwara no Narihira), desde a sua maioridade até a sua morte. Outras obras de destaque são: *Yamato Monogatari* (*Narrativas de Yamato*) e *Heijû Monogatari* (*Narrativas de Heijû*), ambas do século X.

No fim da Era Heian, com o enfraquecimento do poder da nobreza e a gradual ascensão da classe guerreira, as narrativas *monogatari*, que relatavam eminentemente a vida aristocrática da corte de Heian, vê bloqueada a possibilidade para a sua continuidade. Por outro lado, assistimos ao surgimento de um novo gênero, a narrativa histórica, que, diferentemente das crônicas oficiais que buscavam unicamente afirmar o poder imperial, dá ênfase à ascensão da aristocracia, principalmente do clã Fujiwara, na figura de

Michinaga, um de seus mais eminentes membros. Destacam-se dentro das narrativas históricas, as obras *Eiga Monogatari* (*Narrativa da Glória e do Poder*), *Ôkagami* (*O Grande Espelho*) e *Imakagami* (*O Espelho do Agora*).

Há que destacar, ainda, a chamada narrativa *setsuwa*, breves episódios de cunho budista ou secular, compilados e reunidos em coletâneas que surgem, em profusão, no século XIII. *Nihon Ryôiki* (*Relatos Milagrosos do Japão*), considerada a primeira coletânea do gênero, foi escrita pelo monge budista Kyôkai (ou Keikai), em 822, e reúne breves narrativas budistas que relatam casos milagrosos atribuídos aos poderes do Budismo. Três séculos separam essa obra de *Konjaku Monogatarishû* (*Coletânea de Narrativas que Agora São do Passado*), uma coletânea monumental de 31 tomos (restam atualmente 28) que reúne mais de mil narrativas *setsuwa*. Essa obra, concluída provavelmente no início do século XII, diferentemente do seu predecessor, inclui, tanto narrativas budistas quanto seculares, e possui características atípicas para a época, na medida em que não se limita à esfera da aristocracia. É como se, de repente, os limites do mundo aristocrático se rompessem e nele adentrassem todas as pessoas, animais e entes fantásticos deste e do outro mundo. As narrativas *setsuwa* são estabelecidas como ocorridas de fato, num tempo passado. Este é o seu único compromisso. No mais, todos podem fazer parte, tudo pode acontecer.

4. Eras Kamakura e Muromachi

A Idade Média japonesa, que abrange as Eras Kamakura e Muromachi, caracteriza-se, no plano político-social pela ascensão da classe guerreira (*bushi*), com o fortalecimento dos clãs guerreiros Taira e Minamoto, inicialmente, em substituição ao clã da nobreza Fujiwara.

A literatura apresenta três características principais:

- a. é fundamentada na fusão da cultura aristocrática com a cultura popular;
- b. nota-se a influência do pensamento budista;
- c. apresenta uma tendência para uma produção coletiva.

A tradição literária da época anterior tem continuidade, na prosa, pela compilação de narrativas *monogatari* que voltam a explorar os temas das narrativas de Heian, pela organização de narrativas históricas e, conforme referido anteriormente, existe também neste período uma vasta produção de narrativas *setsuwa* budistas e/ou seculares como: *Uji Shûi Monogatari* (*Narrativas Coletadas em Uji*), *Hosshinshû* (*Coletânea de Relatos sobre o Despertar Religioso*), *Jikkinshô* (*Tratado das Dez Regras*), *Kokon Chomonjû* (*Coletânea de Famosas Narrativas Antigas e Recentes*), *Shasekishû* (*Coletânea de Areia e Pedra*).

Na poesia, o poema *waka* continua bastante prestigiado, principalmente pelo grande incentivo do ex-imperador Go-Toba (1180-1239), ele próprio um ardente poeta, que restabeleceu o “recinto dos poemas *waka*” (*wakadokoro*), realizou competições poéticas de grande escala. Foram compiladas também várias antologias oficiais, entre elas, *Shinkokin Wakashû* (*Nova Antologia de Poemas Waka do Presente e do Passado*),

concluída em 1205, assim como antologias individuais de diversos poetas. Destacam-se entre os principais poetas da época: Fujiwara Shunzei (1114-1204), Saigyô (1118-1190), Fujiwara Teika (1162-1241), Fujiwara Ietaka (1158-1237), Fujiwara Yoshitsune (1168-1206), Jien (1155-1225), Shokushi Naishinnô (1153-1201).

Uma nova forma poética, ou uma nova estruturação do *tanka*, denominada *renga* (poema encadeado), alcança grande popularidade nesta época. O *tanka* possui 31 sílabas distribuídas em cinco metros de 5-7-5 (primeiro verso) e 7-7 (segundo verso) sílabas. O *renga*, diferentemente do *tanka*, não é uma criação individual, na medida em que o primeiro e o segundo versos passam a ser compostos por pessoas diferentes. Inicialmente composto por duas pessoas, o *renga* desenvolve-se como uma criação coletiva, chegando a contar com a participação de sete a oito pessoas por grupo. Quando afirma-se como um poeta coletivo, surge a figura do mestre do grupo, responsável pela composição dos três primeiros metros, denominados *hokku*, que, posteriormente, desenvolve-se como uma unidade poética independente e passa a constituir o *haiku*, que será tratado mais adiante.

Praticado, inicialmente, como um jogo poético, pelos poetas de *waka*, o *renga* alcança reconhecimento como uma nobre arte poética graças a Nijô Yoshimoto (1320-1388) que definiu a sua estética no tratado *Tsukuba Mondô (Discussões sobre Renga)* e compilou a primeira antologia de *renga Tsukubashû (Antologia de Renga)*, em 1356.

Nos séculos XIII e XIV, duas escolas de *renga* se distinguem: uma que busca a elegância e o lirismo da tradição aristocrática do *waka*, denominada *ushin*, e a outra, de cunho humorístico e sarcástico, denominada *mushin*, originária das reuniões populares (festejos religiosos dos bairros) realizadas ao ar livre.

A literatura de diário e o ensaio, gêneros que se afirmaram na época Heian, possuem os seus seguidores. A literatura de diário tradicional escrita pelas mulheres perde um pouco da sua vitalidade, mas algumas se destacam: *Kenrei Mon'in Ukyôno Daibushû (Relatos de Kenrei Mon'in Ukyôno Daibu, de 1232 aproximadamente)*, *Benno Naishino Nikki (Diário de Benno Naishi, 1252)*, *Nakatsukasano Naishino Nikki (Diário de Nakatsukasano Naishi, 1292 aproximadamente)*. A particularidade do período, no entanto, é o surgimento de uma literatura de diário com características muito mais próximas do relato de viagem, como resultado das freqüentes viagens que passaram a ser feitas entre a Capital e a localidade de Kamakura, onde se estabeleceu o governo militar. *Izayoi Nikki (Diário da Lua da Décima Sexta Noite, de 1282 aproximadamente)* de autoria da monja Abutsuni, *Kaidôki (Jornada pela Costa Leste, 1223 aproximadamente)* e *Tôkankikô (Relato de Viagem pela Costa Leste, 1242)*, de autores desconhecidos, registram as impressões e sentimentos de seus autores que se aventuram rumo ao novo centro político, levados por motivos diversos.

Se a paz interna e a prosperidade predominam no mundo da aristocracia Heian, as Eras Kamakura e Muromachi são agitadas por uma série de transformações políticas, econômicas e sociais, assiste-se à decadência da antes brilhante sociedade aristocrática, as disputas internas entre os diversos clãs guerreiros, assim como uma série de catástrofes naturais que geram sentimentos de instabilidade e de insegurança. As várias escolas do Budismo introduzidas, neste período, pelos monges como Hônen (1133-1212, escola Jôdo), Shinran (1173-1262, Jôdo Shinshû), Eisai (1141-1215, Rinzai), Dôgen (1200-1253, Sôtô) ou Nichiren (1222-1282, Nichiren) encontram ampla receptividade entre o

povo, tornando-se sua sustentação. Os monges e os chamados *inja* ou “retirados” (leigos que adotam hábitos religiosos e passam a viver reclusos ou em peregrinação) formam uma importante camada social da época. Os *inja* vão ter um papel de destaque também na literatura, muitas vezes comparado ao que desempenharam as damas da Corte, na época Heian e, na condição de “retirados” da sociedade, dedicavam-se à prosa e à poesia. Dois grandes nomes destacam-se no período: Kamo no Chômei (1155-1216) e Yoshida Kenkô (1282-1350), representantes maiores da Literatura dos Retirados. Fazem parte dos seletos poetas que tiveram seus poemas incluídos nas antologias oficiais e destacaram-se também na prosa, especialmente através das obras *Hôjôki* (*Anotações numa Cabana de Nove Metros Quadrados*, 1212) e *Tsurezuregusa* (*Anotações no Ócio*, concluído entre 1330 e 1331) que retomam o estilo ensaístico iniciado por Sei Shônagon, atribuindo, porém, uma característica mais introspectiva e meditativa.

O gênero narrativo que melhor ilustra a própria Idade Média encontra-se representado pela narrativa militar (*gunki monogatari*). Trata-se de uma literatura baseada em fatos históricos e que tem as lutas entre os clãs guerreiros como tema. Segue a linha da narrativa histórica e tem influência da narrativa *setsuwa*, afirmando-se como um gênero peculiar, cujo cenário retrata o período de substituição da classe da nobreza pela classe guerreira.

Shômonki (*Relatos sobre Masakado*), de 940 e *Mutsuwaki* (*Relatos sobre a Rebelião em Mutsu*), concluída depois de 1062, descrevem, respectivamente, a revolta de Taira no Masakado (?-940), ocorrida em 940 e a revolta conhecida como Zen Kunenno Eki, que eclodiu em meados do século XI, na região nordeste do Japão. Podem ser consideradas obras pioneiras no gênero, embora seu enredo não ultrapasse a esfera das descrições das contendas.

Aproximadamente em 1220, são publicadas *Hôgen Monogatari* (*Narrativas da Revolta de Hôgen*) e *Heiji Monogatari* (*Narrativas da Revolta de Heiji*) que registram, respectivamente, a força militar dos emergentes clãs guerreiros Taira e Minamoto e a contenda travada, posteriormente, entre os dois clãs.

Heike Monogatari (*Narrativas do Clã Taira*), cuja versão original data do século XIII, é a obra que representa a consagração do gênero. Narra a ascensão e principalmente a derrocada do clã Taira que, derrotando os rivais, vive um período de glória e poder, até o desaparecimento do clã, no mar do oeste japonês, na batalha de Danno Ura, em 1185. A obra compõe-se de uma série de episódios independentes, que mantêm, no entanto, relações entre si. Há numerosas hipóteses sobre a sua autoria, sendo uma das mais aceitas a de que a sua primeira versão tenha sido escrita por Shinanono Zenji Yukinaga, passando, posteriormente, a ser cantada pelos menestréis cegos chamados *biwahôshi*, ao som do *biwa* (espécie de alaúde). A versão cantada (*heikyoku*), não raras vezes, acaba sofrendo modificações, resultando nas numerosas versões hoje existentes. Em *Heike Monogatari*, predomina a visão do conceito budista da transitoriedade (*mujô*) – presente em grande parte das formas literárias da época – que encontra-se refletido na visão pessimista de seus personagens e confirmada, através da ênfase dada ao desaparecimento do clã Taira, cuja derrocada era inimaginável nos tempos áureos, quando se dizia que “aquele não fizesse parte do clã, não era gente”

Merecem ainda destaque entre as narrativas militares, *Taiheiki* (*Relatos da Grande Paz*), compilada aproximadamente em 1371, *Gikeiki* (*Relatos sobre Yoshitsune*) e *Soga*

Monogatari (Narrativas sobre os Irmãos Soga). A duas últimas narrativas diferenciam-se das demais por estarem voltadas para heróis individuais: a primeira é a biografia romanceada de Minamoto no Yoshitsune (1159-1189), que apesar dos seus feitos militares na luta contra os Taira, em razão de intrigas políticas, acaba sendo perseguido, a mando do seu irmão Yoritomo, fundador do xogunato de Kamakura e, vendo-se derrotado, suicida-se em Hiraizumi, para onde se refugiara, desde que fora decretada a sua captura. *Soga Monogatari* é uma narrativa de vingança levada a efeito pelos irmãos Soga que conseguem vingar a morte do pai. A dramaticidade e a fatalidade que acompanham os heróis dessas duas narrativas tiveram muita popularidade e acabaram influenciando várias manifestações artísticas posteriores. O termo *hōgan biiki* (a simpatia pelos mais fracos) tem origem nessas narrativas.

O clã Ashikaga, que sucede os Minamoto, volta a instalar-se na região de Quioto, no local denominado Muromachi (de onde se origina o nome do período). Nesse período, surge uma nova forma de breves narrativas escritas com a utilização de uma linguagem mais acessível e reunidas com o nome de *Otogizōshi (Coletânea de Narrativas de Entretenimento)*. Há a inserção de ilustrações, nota-se uma forte tendência religiosa ou moralista e, de acordo com os seus variados temas, podem ser classificadas em vários tipos como: *sōzumono* (narrativas sobre religiosos), *ei-yūmono* (narrativas sobre heróis), *mamakomono* (narrativas sobre madrastas) etc. Desempenha papel fundamental no processo de popularização da literatura.

Há que destacar, ainda, na Era Muromachi, o desenvolvimento da arte cênica, através do desenvolvimento dos teatros *nō* e *kyōgen*. Especialmente o teatro *nō*, originário da arte popular denominada *sarugaku* e elevado a nível de arte dramática no século XV, principalmente através do trabalho dos dramaturgos Kan'ami (1333-1384) e Zeami (1363-1443), pai e filho, respectivamente, responsáveis pelo aperfeiçoamento artístico do teatro *nō*. Em especial, Zeami, que deu continuidade e completou o trabalho iniciado por seu pai, deixou inúmeras peças e tratados sobre o *nō*, uma arte cênica guiada por uma “beleza refinada” (*yūgen*), e cuja representação extremamente simbólica, combina narrativa (*yōkyoku*), recitado pelo coro, bailado e acompanhamento musical. O *nō* é praticamente representado apenas pelo ator principal, denominado *shite*, cujo rosto vem coberto por uma máscara, na medida em que o coadjuvante, denominado *waki*, tem a precípua função de dar destaque à figura do *shite*.

O teatro *kyōgen*, também originário do *sarugaku*, encenado, em um só ato, entre os atos do *nō*, apóia-se no diálogo entre os personagens, e enfatiza as trapalhadas de tipos sociais que fazem lembrar os personagens das farsas medievais (patrões e serviçais tolos ou ingênuos), através de uma perspectiva cômica. Diferentemente do *nō*, o traje, tanto do ator principal, denominado *shite*, quanto do antagonista, denominado *ado*, é simples, e os atores não usam máscaras, a não ser em casos específicos.

5. Período Pré-Moderno

O período que abrange as Eras Azuchi-Momoyama (1573-1603) e Edo (1603-1868), denominada *kinsei* (“mundo próximo”) e que denominaremos pré-moderno,

caracteriza-se, socialmente, no primeiro momento, pela reunificação do país, esfacelado pelos anos de lutas internas entre os senhores regionais e, no momento seguinte, pela consolidação do sistema feudal japonês, sob o comando do clã Tokugawa que dominará a política do país, durante mais de dois séculos.

Assim, a literatura pré-moderna pode ser dividida em quatro períodos: Azuchi-Momoyama (1573-1603), Genroku (1688-1703), An'ei-Tenmei (1772-1788) e Kasei (1804-1829) (Yoshida e Yamamoto, 1983).

O primeiro período guarda ainda muitos traços da literatura precedente, podendo-se vislumbrar, entretanto, traços de um renascimento artístico nas pinturas em biombos e portas corrediças da Era Momoyama (*shôheiga*) e a germinação de manifestações literárias como o *haikai* e o *jôruri*.

No período seguinte, Genroku, o desenvolvimento da arte de impressão ocasiona um grande impulso nas Letras e nas Artes. É neste período também que surgem os nomes de expressão como Matsuo Bashô, Ihara Saikaku e Chikamatsu Monzaemon.

No terceiro período, surgem grandes literatos originários de Quioto, Ueda Akinari, Yosa no Buson ou Ike no Taiga, entre outros, que produziram obras literárias e artísticas de inegável valor. Destaca-se, ainda, a figura de Kamo no Mabuchi que revolucionou os estudos do poema *waka* e dos clássicos chineses.

O período Kasei destaca-se pela vasta produção literária, mas dá também mostras de que a literatura chegara ao seu ápice. Mesmo assim, escritores como Kyokutei Bakin, Shikitei Sanba, Jippensha Ikku com suas novelas e Tsuruya Nanboku, Kawatake Mokuami com suas peças de *kabuki* são reconhecidos como consagrados autores em seus respectivos gêneros.

No campo sócio-econômico, a Era Edo vai conhecer um grande desenvolvimento não só na agricultura, assim como no setor de manufaturados e, principalmente, no comércio, como consequência do aumento de produção e do aparecimento de grandes centros urbanos como Edo (atual Tóquio) e Osaka. Esta divisão geográfica entre *kamigata* (como era chamada a região em que se localiza Quioto e Osaka), centro cultural e econômico e Edo, sede do xogunato de Tokugawa, dá origem ao aparecimento dos dois pólos literários mais efervescentes da época pré-moderna. A literatura de *kamigata* que se desenvolveu no período Genroku e a literatura de Edo que alcança popularidade no período Kasei guardam em comum o fato de terem se desenvolvido no seio do povo, mais especificamente entre os *chônin* (“cidadinos”), representados principalmente pelos comerciantes, que não possuíam o poder político, mas alcançaram, na Era Edo, o poderio econômico.

A educação, até então um privilégio da classe dominante e do clero, vai se difundir, paulatinamente, principalmente pelas obras sociais dos monges budistas, que passam a ensinar, inicialmente nos templos, inaugurando os templos-escola (*terakoya*) que se desenvolvem, com o tempo, como centros educacionais já não restritos aos templos.

Devido às várias condições favoráveis, restabelecimento da paz, desenvolvimento econômico, difusão do ensino, desenvolvimento da impressão, a vida intelectual de Edo vai conhecer um extraordinário desenvolvimento. Clássicos chineses e japoneses passam a ser publicados e pesquisados pelos eruditos da época. O movimento do chamado *kokugaku* (estudos da língua vernácula) busca o restabelecimento da cultura japonesa original, destituída das influências budistas ou confucionistas. Esta tarefa é

empreendida por estudiosos como Keichû (1640-1701), Kamo no Mabuchi (1697-1768) e Motoori Norinaga (1730-1801).

No campo da poesia, há de se destacar o *haikai*, poema de 17 sílabas, que, conforme referido anteriormente, é a evolução do poema encadeado *renga*. Praticado, inicialmente, como uma atividade da Corte, o poema *renga*, destituído de suas regras, mas mantendo a sua forma, passa a ser cultivado, no decorrer do tempo, como um jogo poético coletivo, com fortes nuances cômicas e espirituosas, denominada *haikai-renga*. No início da era Tokugawa, Matsunaga Teitoku (1571-1653) estabeleceu as regras do *haikai*, desvinculando-o do *renga*. A sua escola, denominada Teimon, possuía regras muito rígidas, preocupando-se com a expressão e a técnica, razão pela qual deu origem ao aparecimento de uma nova escola que cultivava o uso livre do vocabulário, chamada Danrin, fundada por Nishiyama Sôin (1605-1682).

Não demorará, no entanto, que o *haikai* venha a adquirir o estatuto de uma arte poética de elevado nível estético, com o aparecimento de um de seus grandes mestres, Matsuo Bashô (1644-1694). O seu estilo, denominado *Shôfû*, buscava a harmonia entre a espiritualidade e a realidade, evitava o uso de metáforas e do jogo de palavras e a inspiração poética não dependia de qualquer ambiente ou momento especial, a inspiração poética era a realidade aí existente. Como um poeta peregrino, Bashô não canta as belezas deslumbrantes das paisagens que deve ter visto, mas seus olhos e seu coração voltam-se para a singela flor de beira de estrada que não passa de uma guloseima para o cavalo ou para o corvo pousado no galho seco de outono. Suas peregrinações resultaram em vários relatos poéticos de viagem onde se incluem inúmeros *hokku*: *Nozarashi Kikô* (*Diário de um Viajante Exposto às Intempéries*, 1685), *Sarashina Kikô* (*Diário de Viagem para Sarashina*, 1704), *Okuno Hosomichi* (*Trilhas dos Confins*, 1702), entre outros. Suas composições poéticas foram compiladas por seus discípulos e reunidas nas seguintes antologias: *Fuyuno Hi* (*Dias de Inverno*, 1684), *Haruno Hi* (*Dias de Primavera*, 1686), *Arano* (*Campo Devastado*, 1689), *Hisago* (*Cabaça*, 1690), *Sarumino* (*Capa de Palha do Macaco*, 1691), *Sumidawara* (*Saco de Carvão Feito de Palha*, 1694) e *Zoku Sarumino* (*Capa de Palha do Macaco – Continuação*, 1698). A tradição da escola *Shômon* tem continuidade, através da produção de seus inúmeros discípulos como Enomoto Kikaku, Hattori Ransetsu, Mukai Kyorai e Bonchô.

Em períodos posteriores, cabe destacar, inicialmente, o poeta Yosa no Buson (1716-1783), pintor e poeta, que busca inspiração nos clássicos e na História, e cujos poemas são conhecidos pela pictórica beleza; Kobayashi Issa (1763-1827) tornou-se popular pela simplicidade da sua linguagem e pelos poemas que expõem abertamente a natureza humana e impregnados de amor filial ou piedade para com os fracos.

A prosa do período pré-moderno tem início com o que foi chamado *kanazôshi* (livros em *kana*), narrativas populares de caráter instrutivo, moralista ou recreativo, escritas em *kana*. Seus autores originam-se das diversas camadas sociais, nobreza, classe guerreira ou religiosa, que deixaram vários trabalhos como: *Kashôki* (*Relatos Cômicos*, 1642), *Tôkaidô Meishoki* (*Relatos de Locais Famosos da Estrada Tôkaidô*, de 1658 aproximadamente), *Seisuishô* (*Episódios Cômicos*, 1623) etc. Cabe lembrar também *Isoho Monogatari* (*Fábulas de Esopo*), publicado em 1592, considerado a primeira tradução de uma obra ocidental.

Posteriormente, há o desenvolvimento de outras produções em prosa classificadas conforme o tema, o público alvo ou o grau de dificuldade.

Ukiyozôshi (livro do mundo flutuante) é um tipo de novela de costumes que se tornou bastante popular, após a publicação da obra *Kôshoku Ichidai Otoko* (*Um Homem que se Deu ao Amor*), por Ihara Saikaku (1642-1693), em 1682. Saikaku nasceu numa família de *chônin*, em Osaka, e iniciou a carreira literária como poeta de *haikai*, dedicando-se, posteriormente, ao *ukiyozôshi*, onde descreveu com realismo, e sob a perspectiva do amor e do dinheiro, as virtudes e as fraquezas dos homens e das mulheres do mundo dos *chônin*. Suas obras podem ser classificadas em *kôshokumono* (narrativas galantes), *bukemono* (narrativas sobre a classe guerreira), *chôninmono* (narrativas dos *chônin*) e *setsuwamono*. Após a morte de Saikaku, os *ukiyozôshi* denominados *hachimonjiyabon* (livros da Hachimonjiya), publicados pela editora de mesmo nome, localizada em Quioto, alcançam popularidade, através de escritores como Ejima Kiseki (1667-1736), entre outros.

Contrastando com a grande maioria dos textos em prosa da época que privilegiavam o diálogo ou a ilustração, o *yomihon* (livro de leitura) é predominantemente narrativo, com estruturas mais elaboradas. Em Osaka, destacam-se Tsuga Teishô (datas de nascimento e morte desconhecidas), Takebe Ayatari (1719-1774) e, sobretudo, Ueda Akinari (1734-1809).

Akinari foi adotado por um rico comerciante de Osaka, mas, ainda na infância contraiu um tipo de varíola, ficando com seqüelas nos dedos da mão esquerda. Possuía um temperamento introspectivo e obstinado, e destacou-se como poeta, ensaísta, escritor de *ukiyozôshi* e *yomihon*, lingüista, possuindo ainda conhecimentos de medicina chinesa. Mas o nome de Akinari é associado dentro da história literária, principalmente às obras enquadradas no tipo *yomihon*, onde se destacam *Ugetsu Monogatari* (*Contos da Chuva e da Lua*), de 1768, uma coleção de nove contos fantásticos inspirados nos clássicos chineses e japoneses e *Harusame Monogatari* (*Contos da Chuva de Primavera*), de 1808, reunindo dez contos inspirados em fatos históricos.

Foi, entretanto, em Edo, no fim do século XVIII, que o *yomihon* adquire a sua perfeição formal e alcança grande êxito, com temas de fundo moralista e educativo, baseado principalmente na ética confucionista do *bushidô* (caminho do samurai). Entre os escritores representativos temos Santô Kyôden e, sobretudo, Kyokutei Bakin. Santô Kyôden (1761-1816) dedicava-se inicialmente ao *sharebon* (livro da moda), mas passou a escrever *yomihon*, preso que fora, por ter publicado *sharebon*, mesmo após a proibição deste.

Kyokutei Bakin (1767-1848) nasceu em Edo, numa família de *bushi* e deixou inúmeras obras, principalmente *yomihon*, entre os quais se destaca a monumental obra *Nansô Satomi Hakkenden* (*Os Oito Bravos Cães do Clã Satomi*), que descreve o reerguimento do clã Satomi empreendido por oito guerreiros, todos possuidores do ideograma *ken* ou *inu* (cão) em seus nomes, por terem nascido da união entre um cão guerreiro chamado Yatsufusa e Fusehime, princesa do clã Satomi. A obra possui 98 tomos, divididos em 106 brochuras e levou 28 anos para ser concluída (1814-1842).

O *sharebon* (livro da moda) busca seus temas principalmente nas denominadas “áreas-de-prazeres” e consiste em textos breves, baseados essencialmente nos diálogos,

acrescidos de algumas notas expressas em forma narrativa. Acaba resultando num retrato cômico dialogado dos vários tipos sociais que freqüentam essas áreas, que se transformaram num importantíssimo centro social da época. Inaka Rôjin Tadano Jijî (datas de nascimento e morte desconhecidas) com *Yûshi Hôgen (Dialeto do Entretenimento)*, publicado entre 1764 e 1772, é considerado o iniciador do gênero.

Contemporâneo do *sharebon*, são os *kusazôshi* (livros ilustrados), que de acordo com a cor da capa, recebem denominações diferentes: *akahon* (livro vermelho), *kurohon* (livro preto), *aohon* (livro verde/azul), *kibyôshi* (capa amarela). Os três primeiros são voltados principalmente para o público feminino ou infantil. Os *kusazôshi* alcançam a sua perfeição com a publicação, em 1775, de *Kinkin Sensei Eigano Yume (O Sonho de Prosperidade do Professor Kinkin)* de Koikawa Harumachi (1744-1789), o iniciador dos *kibyôshi*, livros ilustrados voltados para os adultos. A referida obra relata o sonho de Kinbee, um provinciano que vai a Edo em busca de fortuna, que sonha ter enriquecido, enquanto espera, numa loja, ficar pronto o bolinho de arroz que encomendara. Outros autores como Hôseidô Kisanji (1735-1813), Shiba Zenkô (1750-1793) e Santô Kyôden, já citado anteriormente, desempenharam papel igualmente importante para o êxito do *kibyôshi*.

Cabe lembrar ainda os *kokkeibon* (livros cômicos), cujos autores representativos são Jippensha Ikku (1765-1831) e Shikitei Sanba (1776-1822). Unidos pelo *kokkeibon*, Ikku e Sanba abordam o cômico de maneira diversa. Ikku encara a vida com otimismo e nela busca o cômico, enquanto Sanba mostra-se um perspicaz observador da vida e descreve com ironia o seu aspecto obscuro. Em *Tôkaidô Dôchû Hizakurige (Jornada a Pé pela Estrada Tôkaidô)*, publicado entre 1802-1822, Ikku descreve os malogros e as situações cômicas enfrentadas pela dupla Yajirobee e Kitahachi, durante a viagem que realizam de Edo a Osaka, pela estrada Tôkaidô, passando por Ise e Quioto. O imenso sucesso alcançado por *Tôkaidô Dôchû Hizakurige* rendeu, durante vinte anos, a publicação de uma série de obras que dão continuidade ao tema.

Shikitei Sanba ficou consagrado através de obras que realizam uma radiografia dos homens e das mulheres de Edo, servindo-se dos diálogos travados entre os personagens, nos diversos espaços sociais da época. *Ukiyoburo (Banhos Públicos da Moda)*, publicado em 1809, focaliza os banhos públicos e *Ukiyodoko (Barbearia da Moda)*, de 1812, os salões de beleza da época.

Uma versão mais volumosa e com o conteúdo mais popularizado das narrativas ou das peças de sucesso foi denominado *gôkan* (tomos reunidos). Trata-se de tipos de novelas ilustradas, visando o público feminino. Ryûtei Tanehiko (1783-1842) alcançou fama com a obra *Nise Murasaki Inaka Genji (A Falsa Murasaki e o Genji Provinciano)*, publicado entre 1829 e 1842, uma paródia das obras *Genji Monogatari* e *Ise Monogatari* transpostas para o período Muromachi.

O *ninjôbon* (livro de sentimentos), assim como o *sharebon* ou o *kokkeibon*, focaliza a realidade da época, através principalmente da vida amorosa, para a descrição dos sentimentos humanos. Seu maior representante é Tamenaga Shunsui (1790-1843), que publicou mais de setenta *ninjôbon*, além de *gôkan* e *yomihon*. *Shunshoku Umegoyomi (Calendário da Ameixeira, Prenúncio da Primavera)*, publicado em 1832, é a sua obra de maior destaque.

Nas artes cênicas há de se destacar o *ningyô jôruri* (ou simplesmente *jôruri*) e o *kabuki*. *Jôruri* (teatro de bonecos) surge na segunda metade da Idade Média japonesa e era originariamente uma narrativa acompanhada pela cadência do leque (*ôgibyôshi*) ou o *biwa* dos menestréis cegos. Posteriormente, o acompanhamento musical passou a ser feito pelo *shamisen*, instrumento de corda introduzida de Ryûkyû (atual província de Okinawa). Juntando-se os bonecos (*kugutsu*) manipulados pelos *kairaishi* (manipuladores), nasce o *ningyô jôruri* (teatro de bonecos), atualmente conhecido como *bunraku*, uma arte que combina narração, música e manipulação de bonecos.

Chikamatsu Monzaemon (1653-1724), nascido Sugimori Nobumori, numa família de *bushi*, iniciou sua carreira escrevendo peças de *kabuki* para o ator Sakata Tôjurô (1645-1709), passando, posteriormente, a se dedicar ao *jôruri*. A partir de 1703, tornou-se autor exclusivo do grupo teatral de Osaka, Takemotoza, e juntamente com o fundador e recitador do grupo, Takemoto Gidayû, eleva o *jôruri* à categoria de arte dramática. Além de dezenas de peças de *kabuki*, Chikamatsu deixou mais de cem textos de *jôruri*. Com *Shusse Kagekiyo* (*A Ascensão de Kagekiyo*), de 1684, escrito em homenagem a Takemoto Gidayû, inicia-se uma nova fase da história do *jôruri*, que, escapando da esfera do *jôruri* antigo (*kojôruri*), caracteriza-se por um profundo lirismo e uma maior densidade dramática.

O *jôruri* de Chikamatsu pode ser dividido, numa classificação geral, em *jidaimono* (temas históricos) e *sewamono* (temas atuais). *Jidaimono* inclui obras que enfatizam o *bushidô* (caminho ético do samurai), essencialmente o espírito do *gi* (lealdade), sendo constituído sobretudo por peças baseadas nos grandes clãs guerreiros como os Taira ou os Minamoto. *Sewamono* é constituído por obras baseadas na sociedade dos *chônin*, onde Chikamatsu enfoca a trágica existência daqueles que, em meio ao conflito do *giri* (dever) e do *ninjô* (sentimento humano), não encontram outra solução senão a morte, o crime ou o suicídio. Conforme o tema, os *sewamono* podem ser divididos em: *shinjûmono* (temas de duplo suicídio), *megatakiuchimono* (temas de vingança) e *kantsûmono* (temas de adultério). Dentre os textos históricos merecem destaque: *Shusse Kagekiyo* (*A Ascensão de Kagekiyo*), encenada pela primeira vez em 1686, *Goban Taiheiki* (*Relatos da Grande Paz do Tabuleiro de Go*), encenada em 1706 e *Kokusenya Kassen* (*As Batalhas de Coxinga*), apresentada em 1715. *Sonezaki Shinjû* (*Duplo Suicídio em Sonezaki*), cuja estréia data de 1703, *Meidono Hikyaku* (*O Mensageiro da Morte*), de 1711 e *Shinjû Tenno Amijima* (*Duplo Suicídio em Amijima*) encenada, inicialmente, em 1730, constituem algumas das peças de maior popularidade entre os “temas atuais” sendo encenadas, com grande êxito, até os dias de hoje.

Resta destacar ainda o *kabuki*, cuja origem remontaria às apresentações do bailado religioso realizadas no santuário de Izumo pela sacerdotisa (*miko*) Okuni. Recebendo influência do *nô* e do *kyôgen* foi adquirindo características de uma representação teatral, e após passar pelas fases do “*kabuki* de mulheres” (*onna kabuki*), “*kabuki* de rapazes” (*wakashu kabuki*), que foram proibidos, estabeleceu-se como “*kabuki* de homens” (*yarô kabuki*), até desenvolver-se como uma arte dramática consagrada.

Entre seus atores mais consagrados estão Sakata Tôjurô (1647-1709), que celebrizou as peças de Chikamatsu, e Ichikawa Danjurô (1660-1704), o ator mais famoso de Edo, que escreveu também peças de *kabuki* com o nome de Mimasuya Hyôgo.

Na fase madura do *kabuki*, destacam-se os dramaturgos Tsuruya Nanboku (1755-1829) e Kawatake Mokuami (1816-1893) pelo alto valor literário de suas peças. Nanboku ficou conhecido principalmente com a obra *Tôkaidô Yotsuya Kaidan (O Fantasma de Yotsuya na Estrada de Tôkaidô)*, de 1825. Mokuami notabilizou-se principalmente pelas “peças de vilões e assaltantes” (*shiranamimono*) como *Aotozôshi Hanano Nishikie (As Gravuras Coloridas das Façanhas de Aoto)* de 1862, conhecido popularmente por *Bentenkozô (O Assaltante Bentenkozô)*.

Buscamos, assim, uma reaproximação com o mundo clássico japonês, através da produção literária que homens e mulheres, que lá viveram, deixaram-nos como legado. As obras aqui citadas, nem todas tivemos a oportunidade de ler integralmente, ou até mesmo em parte. Portanto, muitas delas citamos e aceitamos como cânones, pois que encontram-se estabelecidas como clássicos. As que tivemos acesso, podemos afirmar, causaram-nos admiração e enlevo. Admiração, porque somente ao nos lembrarmos da época em que aquela obra fora escrita, dávamo-nos conta dos anos ou dos séculos que nos separavam. Enlevo, pois que, idéias e emoções de pessoas que viveram em mundos tão diversos e tão distantes, sobreviveram ao longo da História, e continuam fazendo parte do presente. Que visão possuía Murasaki Shikibu, quando, em *Genji Monogatari*, compara o *monogatari* com as crônicas históricas, e diz que, embora o *monogatari* (entendida como obra de ficção) não escrevesse “verdades”, escrevia sobre o verdadeiro sentimento humano, que atravessaria épocas e seria transmitido para a posteridade!

Bibliografia

- ANDO, Tsunejiro *et alii* (org.). *Gentennyoru Nihon Bungakushi – Jôdai Kinsei*. Tóquio, Ôfûsha, 1983.
- ASAI, Kiyoshi e HAYAMI, Hiroshi. *Nihon Bungakushino Matome*. Tóquio, Meiji Shoin, 1987.
- HISAMATSU, Sen'ichi. *The Vocabulary of Japanese Literary Aesthetics*. Tóquio, Centre for East Asian Cultural Studies, 1963.
- KATO, Shuichi. *A History of Japanese Literature – The First Thousand Years*. Tóquio, Kôdansha, 1979.
- KUBOTA, Jun e UENO, Osamu. *Gaisetsu Nihon Bungakushi*. Tóquio, Yûhikaku, 1979.
- ODAGIRI, Susumu e HIRAYAMA, Joji. *Nihon Bungakushi*. Tóquio, Sanseidô, 1967.
- PIGEOT, Jacqueline e TSCHUDIN, Jean-Jacques. *El Japón y sus Épocas Literarias*. México, Fondo de Cultura Económica, 1986.
- TSUKADA, Yoshifusa *et alii* (org.). *Jôyô Kokugo Binran*. Tóquio, Hamashima Shoten, 1988.
- WAKISAKA, Geny. *Man'yôshû – Vereda do Poema Clássico Japonês*. São Paulo, Hucitec, 1992.
- YOSHIDA, Seiichi e YAMAMOTO, Kenkichi. *Nihon Bungakushi*. Tóquio, Kadokawa Shoten, 1983.